

mundo

Trump ameaça não proteger aliados inadimplentes da Otan

Republicano diz que encorajaria russos a fazer 'o que diabos eles quisessem'

WASHINGTON | REUTERS E APF O ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump indicou que, caso eleito mais uma vez à Presidência em novembro, não protegerá os aliados da Otan, a aliança militar ocidental, em caso de agressão da Rússia se os países atarem pagamentos ou não cumprirem as metas de gastos estabelecidas para o setor da defesa. O republicano disse ter alertado os membros da Otan de que encorajaria os russos a fazer "o que diabos eles quisessem" se os integrantes da aliança não atingirem os números estabelecidos.

Os comentários foram feitos no último sábado (10) durante um comício de campanha na Carolina do Sul e estenderam o risco de fraturar o pacto militar da aliança caso Trump ganhe um novo mandato na Casa Branca. As declarações motivaram várias respostas de representantes do Ocidente neste domingo (11).

O ex-presidente americano,

que há muito tempo critica a Otan e que tinha relações próximas com o presidente russo, Vladimir Putin, disse que "encorajaria invasões de regimes assassinos" a países aliados de Washington colocados em perigo à economia e à segurança americana, além da estabilidade em todo o mundo.

O secretário-geral da Otan, o norueguês Jens Stoltenberg, disse em comunicado que "qualquer sugestão de que os aliados não se defenderão mutuamente mina toda a segurança (dos países da aliança), incluindo a dos EUA, e coloca os soldados americanos e europeus em risco".

Qualquer ataque à Otan será recebido com uma resposta unânime e contundente", acrescentou.

Na presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, afirmou que se "declarações imprudentes sobre a segurança da Otan servem apenas ao interesse de [Vladimir] Putin".

Os comentários de Trump são um sinal de que, caso eleito,

presidente, ele pode ameaçar o compromisso com a defesa mútua que está no cerne da Otan, num momento em que os temores em relação à Rússia aumentaram após a guerra contra a Ucrânia. Recentemente, o ex-presidente pressionou o Congresso americano para se opor à aprovação de novos pacotes de ajuda militar à Kiev.

O tratado da Otan contém uma cláusula que garante a defesa mútua dos estados membros se um deles for atacado.

Trump, favorito à indicação presidencial republicana, foi um crítico feroz da aliança militar ocidental quando era presidente, ameaçando repetidamente sair da aliança.

Ele diminuiu o financiamento de defesa para a Otan e frequentemente reclamava que os EUA estavam pagando mais do que sua parcela justa.

Sobre a guerra da Rússia na Ucrânia, Trump pediu a desescalada e reclamou dos bilhões gastos até agora. Desde

Donald Trump, ex-presidente e principal nome republicano para disputar a Casa Branca em novembro

“Eu não os protegeria. Na verdade, eu os encorajaria [os russos] a fazer o que diabos quisessem. Vocês [aliados] têm de pagar”

Donald Trump, ex-presidente e principal nome republicano para disputar a Casa Branca em novembro

Senado americano aprova ajuda à Ucrânia

Um pacote de ajuda externa, que inclui US\$ 60 bilhões (R\$ 298 bilhões) para a Ucrânia, sobreviveu, neste domingo (11), a uma votação no Senado dos Estados Unidos, embora a oposição republicana ainda possa impedir que o projeto se torne lei. A Casa, com maioria democrata, teve 67 votos a favor e 27 contra pelo desbloqueio do projeto de lei. Agora, a proposta vai para a Câmara, controlada pelos republicanos, onde enfrentará um futuro incerto.

a invasão em larga escala de Moscou, em fevereiro de 2022, a ajuda dos EUA à Ucrânia totalizou cerca de US\$ 75 bilhões (R\$ 372,5 bilhões), enquanto outros membros da Otan e Estados parceiros combinados forneceram mais de US\$ 120 bilhões (R\$ 472,5 bilhões).

Os 31 membros da Otan, sendo o mais recente deles a Finlândia, concordaram com o objetivo de gastar ao menos 2% de seus respectivos PIBs com defesa, mas as estimativas da aliança revelam que apenas 11 dos países-membros gastaram o correspondente a esse montante.

As declarações do republicano ocorrem em um momento no qual nações que compõem a Otan não escondem o temor de que Moscou conduza alguma ação militar contra seus territórios.

Em recente entrevista a Tucker Carlson, ex-apresentador da conservadora Fox News, Putin disse que a Rússia não tem interesse em atacar qualquer nação do flanco oriental da Otan. "Não temos interesse na Polónia ou na Letónia ou em qualquer outro lugar", disse ele, que caracterizou as falas ocidentais de "alarmismo".

Trump tem se consolidado nas primárias republicanas como o principal nome de seu partido. Ele deve reeleitar, nas eleições de novembro, o pleito de 2024 disputado contra Joe Biden.

Finlândia elege linha-dura para conduzir entrada em aliança

HÉLSINKI | REUTERS O ex-primê Alexander Stubb, 55, do centro-direita Partido Coligação Nacional, foi eleito novo presidente da Finlândia no segundo turno das eleições realizadas neste domingo (11), com 51,6% dos votos de acordo com os resultados preliminares oficiais.

O ex-chanceler e ex-ministro do Ambiente Pekka Haavisto, da Aliança dos Verdes, reuniu 48,4% do apelo. Ele prontamente parabenizou o adversário, o 11º presidente da história da Finlândia, pela vitória e o desejou boa sorte no cargo pelos próximos seis anos.

Importância do pleito para escolher o novo chefe de Estado da nação de 3,5 milhões de habitantes se dá pelo fato de o eleito ser responsável por conduzir a política externa finlandesa nos meses de um ano após o país ingressar na Otan, a aliança militar ocidental liderada pelos EUA.

Stubb já havia vencido o primeiro turno das eleições, no

último dia 28, com 27,2% dos votos, à frente de Haavisto, com 25,8%. Ele também liderou Haavisto em diversas pesquisas de votos, mais recentemente com uma diferença de 6 a 8 pontos percentuais.

A votação marca uma nova era na Finlândia, que por décadas elegeu presidentes pa-

pa por cerca de 100 anos, em particular com a vizinha Rússia, país que compartilhou 1,340 quilômetros de fronteira.

Até antes de ter início a Guerra da Ucrânia na vizinhança, o país optava por não se juntar a alianças militares para, entre outras coisas, amenizar as tensões entre Moscou e a Otan.

Mas os finlandeses mudaram de ideia após a invasão da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022, em uma rápida reviravolta que levou o país a ingressar na Otan em abril do ano passado, num processo muito mais célere do que, por exemplo, o da Suécia, que ainda hoje corre pela aprova-

ção da Hungria de Viktor Orbán para se somar à aliança. Agora, sob o guarda-chuva de segurança da aliança ocidental, o novo presidente finlandês substituirá Sauli Niinistö, que está se aposentando após dois mandatos de seis anos nos quais ganhou o apelido de "Putin Whisperer", algo como "ossuário de Putin", devido a seus laços próximos com o presidente da Rússia, Vladimir Putin.

O sucessor de Niinistö terá um papel central na definição das políticas da Finlândia em relação à Otan, além de liderar a política externa e de segurança em estreita cooperação com o Parlamento do país e de atuar como chefe das Forças Armadas.

Ambos os candidatos que chegaram ao segundo turno são pró-União Europeia e defensores da Ucrânia. Também adotaram postura firme em relação à Rússia no conflito em curso há quase dois anos. Ainda assim, o presiden-

te eleito, Alexander Stubb, é considerado mais linha-dura. Em entrevista à agência de notícias Reuters no mês passado, ele disse que não haverá um pilar russo na política externa da Finlândia por ora. "Politicamente, não haverá relações com o presidente da Rússia ou com a liderança política russa até que eles parem a guerra da Ucrânia".

Stubb é a favor de uma cooperação profunda com a Otan, como permitir o transporte de armas nucleares pelo solo da Finlândia e colocar tropas da Otan permanentemente na Finlândia. No entanto, ele não apoia o armazenamento de armas nucleares no país.

"Às vezes, uma arma nuclear é uma garantia de paz", afirmou Stubb em debate na última terça-feira (6).

A Rússia ameaçou a Finlândia com retaliação em resposta à sua adesão à Otan, em abril de 2022, e um acordo de cooperação em defesa assinado com os EUA em dezembro.



Haavisto, que também atuou como negociador de paz da ONU e é conhecido por sua atuação em defesa dos direitos humanos, defendeu uma abordagem mais cautelosa. Ele desejou manter a proibição de armas nucleares na Finlândia e considerava desnecessário um destacamento permanente de tropas da Otan. Após eleito, Stubb disse que essa é "a maior honra de sua vida", de acordo com trechos de seu discurso compilados pelo jornal Helsingin Sanomat. "O sentimento é de calma, moderação e humildade, mas ao mesmo tempo estou infinitamente feliz e grato aos finlandeses por terem votado em tão grande número e por eu poder desempenhar o trabalho de presidente", seguiu.

O voto na Finlândia não é obrigatório, e a participação neste segundo turno atingiu 70,7% dos aptos a votar — uma queda em relação ao primeiro turno, quando 75% dos eleitores compareceram às urnas.



Divulgação: imprensa do Vaticano via Reuters

NO VATICANO, PAPA E MILEI SE ABRAÇAM APÓS ATAQUES DO ARGENTINO

Depois de insulto-lo e de encenar uma reconciliação, o presidente da Argentina, Javier Milei, abraçou o papa Francisco neste domingo (11), no Vaticano. Diante de centenas de fiéis, ele se curvou para cumprimentar e abraçar seu compatriota na Basílica de São Pedro, no final da missa de canonização da beata Maria Antonia de Paz y Figueroa, conhecida como Mama Antula (1730-1799), a primeira santa argentina.

Os dois também conversaram antes da missa. Milei, que no passado chamou o papa de "representante do mal", levantou-se quando o pontífice entrou na basílica em uma cadeira de rodas no início da cerimônia e se ajoelhou na missa durante a consagração. Foi o ápice de uma semana agitada para ele, que viajou para Jerusalém, rezou no Muro das Lamentações, teve a sua primeira grande crise com o fracasso do seu mega pacote de reformas, fez inúmeros insultos aos seus detratores e ainda teve tempo de passear por Roma antes de ver o primeiro papa latino-americano da história.